

FRENTE: PORTUGUÊS I

PROFESSOR(A): PAULO LOBÃO

ASSUNTO: INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO DE TEXTO

EAD – ITA/IME

AULA 01



Resumo Teórico

A interpretação e a compreensão do texto

Saber compreender e interpretar, com precisão, é um exercício que reclama muito treinamento, exigindo do leitor o emprego de diferentes competências na apreensão e na análise do que está proposto nas camadas do texto. Para tanto, faz-se necessário que o leitor, no processo da leitura, consiga realizar coletas dos dados presentes na superfície do texto e fazer inferências coerentes com o que está autorizado pelo respectivo texto. É importante destacar, nesse exercício, que o conhecimento prévio de leitura é de extrema importância, pois viabiliza o processo de assimilação das informações veiculadas.

Observe as considerações a seguir:

A compreensão do texto

A compreensão (ou intelecção) do texto consiste em coletar dados do texto.

- As considerações do autor se voltam para...
- Segundo o texto, está correta...
- De acordo com o texto, está incorreta...
- Tendo em vista o texto, é incorreto...
- O autor sugere ainda...
- De acordo com o texto, é certo...
- O autor afirma que...

A interpretação do texto

A interpretação do texto consiste em saber o que pode ser inferido (concluído) do que está escrito. O enunciado normalmente é proposto da seguinte maneira:

- O texto possibilita o entendimento de que...
- Com base no texto, infere-se que...
- O texto direciona o leitor para...
- O texto permite concluir que...
- O texto possibilita deduzir-se que...

O conhecimento prévio de leitura

No processo da compreensão e interpretação do texto, o leitor deve mobilizar conhecimentos, para que a leitura aconteça plenamente, o que significa dizer que o leitor não pode chegar sozinho ao texto, já que traz um acúmulo de experiências. Assim a leitura é uma experiência de doação recíproca, confirmando a ideia de que o sentido não é simplesmente dado ao leitor, é trocado por algo que o leitor deve trazer.



Exercícios

Texto

Sim, nossa casa era muito bonita, verde, com uma tamareira junto à varanda, mas eu invejava os que moravam do outro lado da rua, onde as casas dão fundos para o rio. Como a casa dos Martins, como a casa dos Leão, que depois foi dos Medeiros, depois de nossa tia, casa com varanda fresquinha dando para o rio.

Quando começavam as chuvas a gente ia toda manhã lá no quintal deles ver até onde chegara a enchente. As águas barrentas subiam primeiro até a altura da cerca dos fundos, depois às bananeiras, vinham subindo o quintal, entravam pelo porão. Mais de uma vez, no meio da noite, o volume do rio cresceu tanto que família defronte teve medo.

Então vinham todos dormir em nossa casa. Isso para nós era uma festa, aquela faina de arrumar camas nas salas, aquela intimidade improvisada e alegre. Parecia que as pessoas ficavam todas contentes, riam muito; como se fazia café e se tomava café tarde da noite! E às vezes o rio atravessava a rua, entrava pelo nosso porão, e me lembro que nós, os meninos, torcíamos para ele subir mais a mais. Sim, éramos a favor da enchente, ficávamos tristes de manhãzinha quando, mal saltando da cama, íamos correndo para ver que o rio baixara um palmo – aquilo era uma traição, uma fraqueza do Itapemirim. Às vezes chegava alguém a cavalo, dizia que lá, para cima do Castelo, tinha caído chuva muita, anunciava águas nas cabeceiras, então dormíamos sonhando que a enchente ia outra vez crescer, queríamos sempre que aquela fosse a maior de todas as enchentes.

BRAGA, Rubem. *As enchentes de minha infância*. In: *Ai de ti, Copacabana*, 3. ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962, p. 157.

01. No trecho “como se fazia café e se tomava café tarde da noite!”, pode-se inferir que:

- A) O autor mostra reprovação por hábito no passado.
- B) A cultura de beber café à noite é algo comum também no presente.
- C) O autor, no presente, revela certa surpresa, por esse hábito no passado.
- D) O consumo de café era democratizado por ser um produto acessível.
- E) O hábito de tomar café tarde da noite causa prejuízo à saúde.

02. É correto afirmar sobre a crônica:

- A) A organização compositiva da narrativa se dá no momento presente, mas “de repente”, algo surge, que faz com que o narrador se recorde de algo que ele viveu em seu passado. A partir do “estalo”, que é captado pelo narrador a partir de um detalhe, a narrativa toma outro rumo e incursiona em algum momento do passado.
- B) Após cercar-se dos acontecimentos diários, o narrador dá-lhes um toque próprio, incluindo em seu texto elementos como ficção, fantasia e criticismo. A crônica toma uma forma realista que se plasma com essa matéria mesclada do cotidiano, aspirando à comunicação humana e fazendo da solidariedade social um valor básico.
- C) Prepondera uma atmosfera restauradora de painéis temporais pretéritos, dispostos na recomposição de elementos relacionados à própria experiência de vida do autor. O narrador evoca fatos, pessoas, objetos e espaços e os resgata à momentaneidade do presente.
- D) Depois de falar de negócios, família, política e da vida de todo o dia. O narrador volta ao tempo presente e exalta os cantos pitorescos de sua terra, fatos e valores substanciais que darão contornos, através do manejo da linguagem, a um quadro de imagens nostálgicas.
- E) O narrador ridiculariza e ironiza o fato, tema da crônica, e, sendo, sorratoriamente, corrosivo e impiedoso, mas sob um tom que não perde o humor, fixa um olhar investigativo sobre a confluência de dois planos temporais primordiais que assinalam a recordação contemplativa.

03. Com relação ao segmento “Sim! Éramos a favor da enchente...”, pode-se afirmar que:

- I. A infância é um período de ingenuidade e inconsequência;
- II. A atitude do narrador e dos seus contemporâneos no passado é marcada pela maldade gratuita;
- III. A enchente, segundo o autor, exercia nele um grande fascínio, afastando-o da consciência das possíveis tragédias causadas.

Está correto o que se diz em:

- A) I, II e III
- B) II e III
- C) I e III
- D) I e II
- E) III apenas

04.

Então vinham todos dormir em nossa casa. Isso para nós era uma festa, aquela faina de arrumar camas nas salas, aquela intimidade improvisada e alegre. Parecia que as pessoas ficavam todas contentes, riam muito; como se fazia café e se tomava café tarde da noite! E às vezes o rio atravessava a rua, entrava pelo nosso porão, e me lembro que nós, os meninos, torcíamos para ele subir mais e mais. Sim, éramos a favor de enchente, ficávamos tristes de manhãzinha quando, mal saltando da cama, íamos correndo para ver que o rio baixara um palmo – aquilo era uma traição, uma fraqueza do Itapemirim. Às vezes chegava alguém a cavalo, dizia que lá, para cima do Castelo, tinha caído chuva muita, anunciava águas nas cabeceiras, então dormíamos sonhando que a enchente ia outra vez crescer, queríamos sempre que aquela fosse a maior de todas as enchentes.

Considere as afirmações sobre os termos destacados e assinale a que apresentar um comentário correto:

- A) O termo “Isso”, de “Isso para nós...”, promove articulação do texto, apresentando comportamento remissivo.
- B) O pronome “aquela”, de “aquela faina...” aponta para um referente fora do texto.

- C) O termo “mal”, de “mal saltando da cama”, introduz uma circunstância de modo.
- D) As duas ocorrências do vocábulo “então”, de “então dormíamos sonhando...”, denotam ideia de conclusão, assumindo função de adjunta.
- E) O termo “muita”, de “tinha caído chuva muita”, assume valor distinto ao ser anteposto ao substantivo “chuva”.

Texto I

CONTRA A MERA “TOLERÂNCIA” DAS DIFERENÇAS

Renan Quinalha

“É preciso tolerar a diversidade”. Sempre que me defronto com esse tipo de colocação, aparentemente progressista e bem-intencionada, fico indignado. Não, não é preciso tolerar.

“Tolerar”, segundo qualquer dicionário, significa algo como “suportar com indulgência”, ou seja, deixar passar com resignação, ainda que sem consentir expressamente com aquela conduta.

“Tolerar” o que é diferente consiste, antes de qualquer coisa, em atribuir a “quem tolera” um poder sobre “o que tolera”. Como se este dependesse do consentimento daquele para poder existir. “Quem tolera” acaba visto, ainda, como generoso e benevolente, por dar uma “permissão” como se fosse um favor ou um ato de bondade extrema.

Esse tipo de discurso, no fundo, nega o direito à existência autônoma do que é diferente dos padrões construídos socialmente. Mais: funciona como um expediente do desejo de estigmatizar o diferente e manter este às margens da cultura hegemônica, que traça a tênue linha divisória entre o normal e o anormal.

Tolerar não deve ser celebrado e buscado nem como ideal político e tampouco como virtude individual. Ainda que o argumento liberal enxergue, na tolerância, uma manifestação legítima e até necessária da igualdade moral básica entre os indivíduos, não é esse o seu sentido recorrente nos discursos da política.

Com efeito, ainda que a defesa liberal-igualitária da tolerância, diante de discussões controversas, postule que se trate de um respeito mútuo em um cenário de imparcialidade das instituições frente a concepções morais mais gerais, isso não pode funcionar em um mundo marcado por graves desigualdades estruturais.

Marcuse identificava dois tipos de tolerância: a passiva e a ativa. No primeiro caso, a tolerância é vista como uma resignação e uma omissão diante de uma sociedade marcadamente injusta em suas diversas dimensões. Por sua vez, no segundo caso, ele trata da tolerância como uma disposição efetiva de construção de uma sociedade igualitária. Não é este, no entanto, o discurso mais recorrente da tolerância em nossos tempos.

Assim, quando alguém lhe disser que é preciso “tolerar” a liberdade das mulheres, os direitos das pessoas LGBT, a busca por melhores condições de vida das pessoas pobres, as reivindicações por igualdade material das pessoas negras, dentre outros segmentos vulneráveis, simplesmente não problematize esse discurso.

Admitir a existência do outro não significa aceitá-lo em sua particularidade como integrante da comunidade política. É preciso, ensina Axel Honneth, valorizar os laços mais profundos de reciprocidade e respeito pelas diferenças, o que só o reconhecimento, estágio superior da tolerância, pode ajudar a promover.

Diversidade é um valor em si mesmo e não depende da concordância dos que ocupam posições de privilégios. Direitos e liberdades não se “toleram”. Devem ser respeitados e promovidos, por serem conquistas jurídicas e políticas antecedidas de muitas lutas.

O que não se pode tolerar é o discurso aparentemente “benevolente” e “generoso” – mas na verdade bem perverso – da tolerância das diferenças. Ninguém precisa da licença de ninguém para existir.

Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br>>. Acesso em: 12 abr. 2016. Adaptado.

Glossário

- Axel Honneth (1949): Filósofo e sociólogo alemão, é diretor do Institut für Sozialforschung, da Universidade de Frankfurt, instituição na qual surgiu a chamada Escola de Frankfurt.
- Herbet Marcuse (1898-1979): Sociólogo e filósofo alemão, naturalizado norte-americano, pertenceu à Escola de Frankfurt.

Texto II

LIBERDADE

Deve existir nos homens um sentimento profundo que corresponde a essa palavra LIBERDADE, pois sobre ela se têm escrito poemas e hinos, a ela se têm levantado estátuas e monumentos, por ela se tem até morrido com alegria e felicidade.

Diz-se que o homem nasceu livre, que a liberdade de cada um acaba onde começa a liberdade de outrem; que onde não há liberdade não há pátria; que a morte é preferível à falta de liberdade; que renunciar à liberdade é renunciar à própria condição humana; que a liberdade é o maior bem do mundo; que a liberdade é o oposto à fatalidade e à escravidão; nossos bisavós gritavam "Liberdade, Igualdade e Fraternidade!"; nossos avós cantaram: "Ou ficar a Pátria livre/ ou morrer pelo Brasil!"; nossos pais pediam: "Liberdade! Liberdade/ abre as asas sobre nós", e nós recordamos todos os dias que "o sol da liberdade em raios fúlgidos/ brilhou no céu da Pátria..." em certo instante.

Somos, pois, criaturas nutridas de liberdade há muito tempo, com disposições de cantá-la, amá-la, combater e certamente morrer por ela.

Ser livre como diria o famoso conselheiro, é não ser escravo; é agir segundo a nossa cabeça e o nosso coração, mesmo tendo de partir esse coração e essa cabeça para encontrar um caminho... Enfim, ser livre é ser responsável, é repudiar a condição de autômato e de teleguiado, é proclamar o triunfo luminosos do espírito. (Suponho que seja isso.)

Ser livre é ir mais além: é buscar outro espaço, outras dimensões, é ampliar a órbita da vida. É não estar acorrentado. É não viver obrigatoriamente entre quatro paredes.

Por isso, os meninos atiram pedras e soltam papagaios. A pedra inocentemente vai até onde o sonho das crianças deseja ir. (Às vezes, é certo, quebra alguma coisa, no seu percurso...)

Os papagaios vão pelos ares até onde os meninos de outrora (muito de outrora!...) não acreditavam que se pudesse chegar tão simplesmente, com um fio de linha e um pouco de vento!

Acontece, porém, que um menino, para empinar um papagaio, esqueceu-se da fatalidade dos fios elétricos e perdeu a vida.

E os loucos que sonharam sair de seus pavilhões, usando a fórmula do incêndio para chegarem à liberdade, morreram queimados, com o mapa da liberdade nas mãos!

São essas coisas tristes que contornam sombriamente aquele sentimento luminoso da LIBERDADE. Para alcançá-la estamos todos os dias expostos à morte. E os tímidos preferem ficar onde estão, preferem mesmo prender melhor suas correntes e não pensar em assunto tão ingrato.

Mas os sonhadores vão para a frente, soltando seus papagaios, morrendo nos seus incêndios, como as crianças e os loucos. E cantando aqueles hinos, que falam de asas, de raios fúlgidos linguagem de seus antepassados, estranha linguagem humana, nestes andaimes dos construtores de Babel...

MEIRELES, Cecília, *Escolha o seu sonho*: Crônicas

05. Considerando o propósito comunicativo dominante no texto I, observa-se que seu objetivo é
- A) confrontar os discursos mais recorrentes sobre a tolerância.
 - B) caracterizar os discursos mais recorrentes sobre a tolerância.
 - C) justificar o discurso mais recorrente sobre a tolerância.
 - D) problematizar o discurso mais recorrente sobre a tolerância.
 - E) destacar uma visão crítica do autor sobre preconceito.

06. Em sua totalidade, o texto I apresenta-se como
- A) injuntivo, uma vez que propõe orientações para o enfrentamento do discurso mais recorrente sobre a intolerância.
 - B) explicativo, uma vez que justifica pontos de vista a respeito do discurso mais recorrente sobre a tolerância.
 - C) argumentativo, uma vez que defende ponto de vista a respeito do discurso mais recorrente sobre a tolerância.
 - D) descritivo, uma vez que caracteriza o discurso mais recorrente a respeito da tolerância.
 - E) dialético, já que destaca uma perspectiva de neutralidade diante de um tema, o discurso da intolerância.

07. A perspectiva assumida em relação ao tema do texto I revela-se a partir do
- A) título, sinalizada pela preposição "contra", pelo adjetivo "mera" e pelas aspas.
 - B) oitavo parágrafo, sinalizada pelo elemento coesivo "assim" e pela forma verbal imperativa "problematize".
 - C) primeiro parágrafo, sinalizada pela citação direta "É preciso tolerar a diversidade".
 - D) penúltimo parágrafo, sinalizada, explicitamente, pela conclusão, que se estende até o parágrafo final.
 - E) primeiro período do quinto parágrafo, sinalizado pela síntese em relação ao que foi dito nos parágrafos anteriores.

08. Em conformidade com o gênero discursivo, a linguagem do texto I apresenta-se tendente à
- A) conotação, à implicitude das informações e à variedade escrita com marcas de oralidade.
 - B) denotação, à explicitude das informações e à variedade escrita em norma padrão.
 - C) denotação, à explicitude das informações e à variedade escrita com marcas de oralidade.
 - D) conotação, à implicitude das informações e à variedade escrita em norma padrão.
 - E) denotação e à conotação, à implicitude das informações e à variedade coloquial da linguagem.

09. Considere o parágrafo do texto I:

Esse tipo de discurso, no fundo, nega o direito à existência autônoma do que é diferente dos padrões construídos socialmente.

Mais: funciona como um expediente do desejo de estigmatizar o diferente e manter este às margens da cultura hegemônica, que traça a tênue linha divisória entre o normal e o anormal.

Com relação ao período anterior, o vocábulo destacado estabelece relação de textualidade por

- A) adição.
- B) contraposição.
- C) conclusão.
- D) explicação.
- E) consequência.

10. Considere o parágrafo do texto I:

“Assim, quando alguém lhe disser que é preciso “tolerar” a liberdade das mulheres, os direitos das pessoas LGBT, a busca por melhores condições de vida das pessoas pobres, as reivindicações por igualdade material das pessoas negras, dentre outros segmentos vulneráveis, simplesmente não problematize esse discurso.”

Analise as assertivas quanto ao processo de construção:

- I. O segmento “que é preciso “tolerar” a liberdade das mulheres, os direitos das pessoas LGBT, a busca por melhores condições de vida das pessoas pobres, as reivindicações por igualdade material das pessoas negras, “ apresenta função substantiva de objeto direto;
- II. A oração “simplesmente não problematize esse discurso” funciona como principal do segmento “quando alguém lhe disser que é preciso “tolerar” a liberdade das mulheres, os direitos das pessoas LGBT, a busca por melhores condições de vida das pessoas pobres, as reivindicações por igualdade material das pessoas negras,“;
- III. A oração “quando alguém lhe disser” é, ao mesmo tempo subordinada e principal.

Está correto o que se diz em:

- | | |
|--------------------|-------------------|
| A) I e III apenas. | B) I e II apenas. |
| C) I apenas. | D) II apenas. |
| E) I, II e III. | |

11. Nos sétimo, oitavo e nono parágrafos, há citações do discurso alheio que se apresentam sob forma

- A) indireta, se articulam com auxílio de verbos de dizer e endossam a perspectiva focada pelo autor do texto.
- B) direta, se articulam com auxílio de verbos de dizer e se contrapõem à perspectiva focada pelo autor do texto.
- C) indireta, se articulam com auxílio de conjunções conformativas e endossam a perspectiva focada pelo autor do texto.
- D) direta, se articulam com auxílio de conjunções conformativas e se contrapõem à perspectiva focada pelo autor do texto.
- E) explícita, se articulam com auxílio de morfemas relacionais e se opõem à visão do autor do texto.

12. Considere o parágrafo do texto I:

Tolerar não deve ser celebrado e buscado nem como ideal político e **tampouco** (1º) como virtude individual. Ainda que o argumento liberal enxergue, na tolerância, uma manifestação legítima e **até** (2º) necessária da igualdade moral básica entre os indivíduos, não é esse o seu sentido recorrente nos discursos da política. Os vocábulos em destaque pertencem

- A) à mesma classe gramatical. Ambos são morfemas relacionais que conectam termos, mais conhecidos como preposições.
- B) a classes gramaticais diferentes. O primeiro apresenta sentido diverso da expressão “tão pouco”; o segundo acrescenta um reforço ao que se afirma.
- C) à mesma classe gramatical. O primeiro apresenta o mesmo sentido da expressão “tão pouco”; o segundo reforça a relação de adição entre dois adjetivos.
- D) a classes gramaticais diferentes. O primeiro apresenta o mesmo sentido da expressão “tão pouco”; o segundo reforça a relação de adição entre dois adjetivos.
- E) à mesma classe gramatical. O primeiro apresenta sentido diverso da expressão “tão pouco”; o segundo acrescenta um reforço ao que se afirma.

13. Com relação ao texto II, é coerente afirmar que:

- A) No primeiro parágrafo, a autora faz uma afirmação baseada na certeza.
- B) No segundo parágrafo, as afirmações são atribuídas integralmente à autora.
- C) No terceiro parágrafo, constata-se uma conclusão da autora baseada em hipótese.
- D) No quarto parágrafo, a autora faz referência indireta a vozes alheias.
- E) No quinto parágrafo, a autora faz a defesa de sua tese por meio de argumentos objetivos.

14. De acordo com o texto II, o resultado de ser livre é:

- A) Ampliar a órbita da vida.
- B) Cantar a liberdade como nossos avós.
- C) Viver sem sonhar.
- D) Viver sem qualquer obrigação.
- E) Fazer o que se bem tem vontade.

15. No segundo parágrafo do texto II, a autora emprega o recurso:

- A) Da digressão metalinguística.
- B) Do discurso indireto livre.
- C) Da intertextualidade explícita e implícita.
- D) Do raciocínio indutivo.
- E) Da sequência textual injuntiva.

Gabarito

01	02	03	04	05
C	C	D	A	D
06	07	08	09	10
C	A	B	A	E
11	12	13	14	15
A	E	C	A	C